

**O ALVO FÁCIL: DESVALORIZAÇÃO DO CORPO A PARTIR DE
VIOLÊNCIAS DE CUNHO HOMOFÓBICO SOFRIDAS POR HOMEM
CISGÊNERO HOMOSSEXUAL.**

***Eixo Temático Corpo e Psicologia à Luz da Fenomenologia Existencial:
Experiências Dissidentes***

André Prado Nunes ¹
Wesley Ferreira dos Santos ²

RESUMO

Este trabalho discute violências que o homem cisgênero de orientação homossexual sofre e as consequências para a constituição de sua autoimagem corporal. Parte-se da noção de que o contexto heteronormativo e machista vigente contribui para a formação do modo de ser homossexual. Realiza-se análise hermenêutica de orientação fenomenológica a partir de registros de supervisão e diários de bordo realizados por aluno de graduação em seu estágio junto a clínica-escola. Tal análise revela que as violências sofridas prejudicam a construção de uma autoestima positiva, trazendo consequências prejudiciais às suas relações pessoais. Também revela que a adesão a grupos que compartilham de violências semelhantes é crucial para a ressignificação de sua autoimagem, para além da psicoterapia.

Palavras-chave: convenções corporais de gênero, homens homossexuais, preconceito.

Introdução

Este trabalho discute algumas violências que o homem cisgênero de orientação homossexual sofre ao longo de sua criação e como as consequências destes episódios

¹ Doutor em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Colaborador do Laboratório de Estudos em Fenomenologia Existencial e Prática em Psicologia do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo - LEFE-IPUSP. Filiado ao Centro de Psicologia Aplicada (CPA) – Campus Paraíso, Universidade Paulista – UNIP. e-mail: andre.pradonunes@gmail.com;

² Graduado em Psicologia pela Universidade Paulista – UNIP. e-mail: fswesley15@gmail.com.

interferem na constituição de sua autoimagem. Compreende-se autoimagem como a maneira que a pessoa percebe a sua corporeidade no espaço, bem como a valoração que ela confere a si própria, de modo explícito ou tácito (Louro, 2004). Neste sentido, a constituição da imagem de si próprio não é realizada a partir de uma suposta interioridade do indivíduo isolado do mundo. Pelo contrário, tal realização parte das referências presentes no mundo em dado período histórico, isto é, a trama de sentido que sustenta os significados de uma determinada compreensão de mundo.

As violências verbais e físicas, constantes ou eventuais, inserem-se no que o pensador Martin Heidegger (1995) denominou de valores da tradição, enquanto herança cultural transmitida a cada geração, devendo ser problematizada e lentamente reformulada a cada chegada de uma nova geração.

Atualmente, a homossexualidade é um tema que reúne muitos estudos nas ciências humanas que investigam as diferentes formas de expressão dessa orientação sexual e o impacto social que provoca. Tais repercussões apontam para um contexto que ainda discrimina o homossexual e o coloca à margem da sociedade (Costa, 2007).

Para alguns autores, a sociedade demonstra nítida rejeição à livre orientação sexual e torna a sexualidade uma definidora de papéis sociais (Dias, 2005). Deste engessamento das definições de orientação sexual, o indivíduo é privado de expressar sua subjetividade enquanto direito individual, social e difuso. Emerge a segregação social e o preconceito, promovendo a heterossexualidade e estimulando o desrespeito e a homofobia, como se a orientação sexual não fizesse parte da dignidade humana.

De acordo com Dias (2005) o preconceito, a discriminação e o constrangimento, são fatos cotidianos na vida de muitos homossexuais. Tais situações acontecem por meio de violência verbal, psicológica e física em diversos segmentos sociais, praticados por pessoas da família, por amigos, por colegas de trabalho e por pessoas desconhecidas.

As discussões deste trabalho apontam que a percepção corporal de si mesmo pode sofrer distorções a partir destas violências, no sentido desta percepção comunicar a ideia de um corpo enfraquecido, rejeitado e repugnante. Estes significados seriam uma tentativa míope de compreender as agressões sofridas, justificando-as, o que pode indicar o surgimento de pensamentos de auto destrutividade.

Apontar esses mecanismos, assim como indicar possíveis soluções, pode contribuir para a compreensão das relações que se estabelecem entre o homossexual e o contexto onde está inserido. Tal compreensão pode fomentar outras reflexões sobre o

tema da homossexualidade masculina, no sentido de denunciar mais dos feitos nocivos do preconceito e de como combatê-lo.

Metodologia

Realiza-se uma análise hermenêutica de orientação fenomenológica tendo como fio condutor os registros de supervisão e diários de bordo realizados por aluno de graduação em seu estágio junto a clínica-escola, nos quais busca refletir sobre o sofrimento vivido por paciente homossexual, em especial na relação com o seu corpo.

Nesta proposta, Gadamer (1997), partindo da noção de tradição, afirma que a compreensão prévia de mundo relatada constitui o ponto inicial a partir do qual o investigador apropria-se de novas significações, ampliando seu horizonte de sentido. É pertinente a este processo investigativo refletir a partir do que vai sendo explicitado no relato do paciente, em busca de des-naturalizar os saberes tradicionais presentes na compreensão prévia e, simultaneamente, constituir novos saberes, numa ampliação do horizonte compreensivo do investigador. Tal deslocamento, que ocorre no campo da linguagem, requer que o investigador esteja aberto a deixar-se contrariar e se transformar pela experiência que se apresentou ao debruçar-se sobre os registros escritos do relato do paciente. Assim, o que já é conhecido pode ser modificado e encaminhar outros saberes.

Nesta mesma direção, Dulce Critelli (1996) afirma que a manifestação de algo pela e na linguagem é a etapa de revelação do percurso metodológico, sendo que a linguagem não é somente a fala, mas também o gesto, a ação encaminhando sentido. Nesta proposta, a veracidade das coisas é obtida por um movimento existencial que desvela a coexistência, que é o seu determinante fundamental. Coisa alguma é verdadeira em si mesma, mas veracizada mediante um critério que a autorize a ser como é. Quando algo é testemunhado como publicamente relevante, é referendado como verdadeiro. O que não for considerado verdadeiro perde sua possibilidade de aparência, de manifestação: verdade e realidade são elementos indissociáveis (Critelli, 1996).

A descrição do caso buscou assumir a forma de uma narrativa. Segundo Benjamin (1994), a narrativa é um modo de transmissão de experiência de geração em geração, configurando-se como o legado transmissível da tradição-memória que rompe o tempo de imediatamente presente, instaurando a dimensão existencial com presente e passado articulados pela busca por sentido. Além disso, ela não é somente um modo de apresentar a experiência, mas de sua própria constituição, fundamentando-se na linguagem como

efetivação do real (Critelli, 1996). Ela se desenvolve numa temporalidade, enquanto articulação tempo-espço, oferecendo-se como movimento histórico de sedimentação e reconstrução da memória.

Resultados e Discussão

A partir das anotações realizadas ao longo do acompanhamento psicoterapêutico de um estudante universitário homossexual, surgiu o tema de sentir-se oprimido pela sua aparência física não corresponder ao padrão de masculinidade vigente, gerando uma distorção na maneira em como ele se via pequeno e frágil. Este quadro se agravou em crises de ansiedade após o término com o companheiro, considerado musculoso, pois este cobrava que o paciente fizesse atividades físicas. Tais cobranças geraram insegurança no rapaz, aumentando sua sensação de inadequação e fraqueza. Quando via alguém musculoso, ele se percebia pequeno e imaginava que seria agredido sem aparente motivo. Apesar do porte atlético, ele parecia brigar constantemente com a sua aparência, chegando a mencionar que quando se olha no espelho tem vontade de se bater, e até o faria se visse outro dele materializado em sua frente. Ele não entendeu o pedido do então namorado como um eventual cuidado por saúde, mas como uma ordem para mudar de aparência, marcando a sua rejeição.

Na sua idealização, o corpo musculoso transformaria automaticamente a sua postura perante o mundo, atribuindo-lhe segurança, força física e mental, além de garantir a aceitação dos outros. Tal idealização pode ser compreendida como a expressão no indivíduo dos usuais valores heteronormativos atribuídos ao “masculino” e ao “feminino”. Comumente, ao “feminino” são identificados valores de inferioridade e submissão, propiciando sentimentos de rejeição. Neste contexto, o corpo feminino é desejado enquanto objeto a ser consumido, não como agente de seus próprios desejos e ações (Louro, 2004).

Na construção desta narrativa, o estudante considerou perceber-se frágil desde a infância, se declarando um "alvo fácil". Contou sobre as constantes provocações e xingamentos que sofreu ao longo do ensino médio por ser homossexual e estar sempre acompanhado de garotas. Ele buscava ignorar essas agressões, mas houve uma situação marcante no final do ensino médio no qual ele descobriu que um homem fora contratado por parte da sua turma para matá-lo por ser homossexual em um evento público. Segundo ele, a arma foi apreendida durante uma revista e, apesar do conhecimento de todos os

presentes, inclusive familiares, o homem foi liberado e nada mais foi feito, optando-se pelo silêncio.

Soliva & Junior (2014) consideram que esta situação provoca duas formas de violência: a dor de ser agredido e a dor pelo fato dos agressores serem pessoas com quem o paciente mantém uma relação de proximidade. De fato, ele passava a ideia de que não só a família fora conivente com a violência, mas a cidade toda, pois nenhuma ocorrência fora registrada. Essa violências contribuía fortemente para que o rapaz passasse a odiar o seu corpo, constituindo, de modo inconsciente, uma relação direta de atributos físicos com modos e atitudes de ser. Inserido numa tradição de valores heteronormativos e machistas, embora ele não se reconhecesse como um homossexual de comportamentos afeminados, ele passou a ver o seu corpo com distorcidos atributos femininos – frágil e pequeno – como possibilidade de compreender as violências absurdas. Frágil e pequeno remetiam-no automaticamente a ideia de uma pessoa fraca, submissa e impotente. Por outro lado, tornar-se musculoso, trazia a ideia de um homem corajoso, intimidador e atranete.

Assim tornou-se possível compreender o constante estado de ansiedade vivido pelo estudante, expresso na sua postura acanhada e tensa, como que a espera do próximo golpe. Preso nesses estereótipos, o seu sofrimento era expresso na autoimagem distorcida, mas não era comunicado e colocado em jogo no e pelo discurso.

O processo terapêutico promoveu ao estudante dar voz ao que visível e silenciado na sua autoimagem e na ideia do corpo musculoso. Aos poucos, a busca pelo corpo musculoso, no que este significava de força, prontidão e fortaleza, pode ser encontrado através de outras vias pelo paciente. As distorções de imagem relatadas pelo paciente em relação ao seu corpo revelaram o peso de todo sofrimento carregado e silenciado ao longo de anos. Sem que conseguisse compreender e nomear o seu sofrimento, esta dor traçava caminhos tortos na existência do estudante, perturbando o seu olhar para si próprio. Narrar a sua história, permitiu que ele passasse a ver alguém que superou com coragem e dignidade diversos ataques preconceituosos, ressignificando eventos da sua história de modo a encontrar a força almejada, reconhecendo os seus julgamentos excessivos. Este processo fez com que o paciente descobrisse um modo mais autêntico e positivo de se valorizar e aceitar-se, afastando-se das usuais conotações negativas a respeito do universo homossexual. Consequentemente, as reclamações acerca da sua aparência diminuiriam.

Entretanto, este movimento não se sustentou somente no espaço privado do consultório. Intervenções foram feitas no sentido de estimular a busca por grupos e espaços coletivos. De fato, no período de término do processo, o paciente afirmou ter encontrado um lugar de pertencimento junto a outros homens e mulheres homossexuais. No compartilhamento de suas dores e expectativas, as vivências homossexuais que eram tradicionalmente consideradas um defeito e um sinal de fraqueza puderam ser desveladas como marcas de uma corajosa trajetória de luta e sobrevivência, numa importante ressignificação do que até então era desvalorizado nos sentimentos de vergonha e culpa.

É interessante notar que este movimento de construção de um espaço coletivo de compartilhamento de experiências, ocorreu vinculado ao período das últimas eleições presidenciais nas quais um candidato abertamente homofóbico venceu. Este fato gerou consternação e medo na população LGBTQIA+, mas também promoveu fortes reações coletivas contrárias ao novo governo, num movimento de união entre pessoas e grupos desta população que há muitos anos não se via.

Considerações Finais

Estudos sobre as violências sofridas pelo homem cisgênero de orientação homossexual e suas consequências na constituição do sentimento de valorização e respeito por si mesmo, a noção de auto estima, costumam apontar para o surgimento de comportamentos de risco e autodestruição. Compreende-se que as violências sofridas na infância e adolescência tendem a se tornar preconceito internalizado pelo indivíduo, enquanto possível repercussão da condição de marginalização do homossexual (Costa, 2007).

Este trabalho corrobora as afirmações acima, destacando porém, outro aspecto relevante para além dos comportamentos observáveis: o prejuízo e a distorção que estas violências geram na constituição da auto imagem do indivíduo. Agressões verbais, físicas e psicológicas de cunho homofóbico podem afetar a coconstituição de uma percepção positiva e saudável de si mesmo pelo indivíduo. Partindo de um contexto tradicionalmente heteronormativo e machista, as agressões apontam para a existência de traços corporais e características femininas, mesmo quando o homem homossexual não possui comportamentos afeminados. Revela-se então que o nível de violência sofrida afeta não somente o comportamento do indivíduo, mas a sua própria percepção, em níveis profundos de consciência.

Este cenário aponta para a necessidade de mais trabalhos a respeito das implicações prejudiciais da discriminação e do preconceito na saúde da população LGBTQIA+, em especial dos homens homossexuais.

Também é pertinente finalizar destacando que o espaço individualizado do consultório não deve ser compreendido como único recurso possível de compartilhamento de relatos e vivências. Pelo contrário, muitas vezes a manutenção de um olhar individualizado ao sofrimento, pode contribuir para sensação de isolamento e adoecimento do paciente. Pensar recursos e estratégias grupais e coletivas de pertencimento das pessoas, ainda mais neste período histórico, é crucial para fortalece-las na constituição de sua rede de apoio em suas interações sociais.

Referências

- Benjamin, W. (1994). *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. (Obras escolhidas; v. 1.) 7. ed. São Paulo: Brasiliense.
- Costa, R. S. M. (2007). Homossexualidade: Um conceito preso ao tempo. *Revista Bagoas: Estudos Gays: Gêneros e Sexualidades*, 1(1),1-24. Disponível: http://www.cchla.ufrn.br/bagoas/v01n01art06_costa.pdf. Acessado: 04/2022.
- Critelli, D. M. (1996). *Analítica do Sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica*. São Paulo: EDUC: Brasiliense.
- Dias, M. B. (2005). Homoafetividade e o direito à diferença. *Universo Jurídico*, 1. Disponível:http://www.mariaberenicedias.com.br/uploads/26_homoafetividade_e_o_direito_%E0_diferen%E7a.pdf. Acessado: 04/2022.
- Gadamer, H. (1997). *Verdade e Método*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Heidegger, M. (1995). *Língua de tradição e língua técnica*. Lisboa: Vega/Passagens.
- Louro, G. L. (2004). *Um corpo estranho – ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Soliva, T. B. & Junior, J. B. S. (2014). Entre revelar e esconder: pais e filhos em face da descoberta da homossexualidade. *Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana*. n.17 - ago. 2014 - pp.124-148. ISSN 1984-6487. Disponível: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/SexualidadSaludySociedad/article/view/4855>. Acessado: 01/2019.